

05/09/2019

Tire seu sorriso do caminho que eu quero passear com a minha cor: turismo e a questão racial no Brasil (Parte II)

Thiago Sebastiano de Melo

[Docente de Turismo da Universidade Federal de Pelotas.
Membro da Coordenação Executiva do Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino]

**Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai...**

Jorge Aragão¹

Embalado pelo samba do acolhimento, pelo samba da solidariedade, do humanismo que não se reverte em narrativa hipócrita, escuto gritar a metáfora do poeta do samba, Jorge Aragão. Quando a subida pelo elevador de serviços é a única condição da sobrevivência ela mina a organização coletiva, claro! Por isso é um projeto de sociedade. Mas e quando subir pelo elevador (de serviço) não é a condição da reprodução imediata, antes, é, ou deveria ser, momento de lazer?

O psicanalista e professor da Universidade de São Paulo, Christian Dunker, escreveu sobre como a educação historicamente esteve empenhada em construir geografias imaginárias que se revertem em segregações reais². Estendo à ciência. Quem há de desconsiderar o impacto das teorias raciais que imputavam a superioridade de um determinado fenótipo/estereótipo racial sobre os demais?

Como desconsiderar a brutalidade, nunca amplamente discutida, com a qual foram interiorizados os silenciamentos das teorias de uma miscigenação harmoniosa e benéfica no Brasil? Como e por que não admitir que esses elementos constitutivos de geografias imaginárias que ganharam, inclusive, respaldo de políticas estatais de embranquecimento da população brasileira, consagram segregações reais também na dimensão do lazer, entretenimento, cultura, esporte, mobilidade, gastronomia, enfim, da cadeia produtiva do turismo?

Se as pesquisas em turismo não querem tratar das questões derivadas da exaltação desse sujeito referencial (o estereótipo da sociedade moderna), o mercado turístico sabe muito bem o que fazer: assimila pelo viés economicista as demandas legítimas da ínfima fração da população que corresponde à pluralidade existencial (que se afastam, portanto, desse estereótipo/sujeito referencial) e que ascende social e economicamente: mulheres, população negra, indígenas, população LGBTQT, pessoas com deficiência. A simples assimilação econômica não desfaz, contudo, as segregações reais.

Redimensiona as geografias do consumo, mas não a certeza de por qual elevador devem subir estas pessoas.

Das recorrentes queixas de que os aeroportos viraram rodoviárias (pelo número de sujeitos ‘estranhos àquele ambiente’), passando pelo incômodo de quem frequenta os shoppings com os “rolezinhos” da periferia, chegando à conhecida cena de seguranças seguindo pessoas negras em centros de compras, a superação dos obstáculos econômicos revela duas dimensões do racismo estrutural igualmente potentes e perversas: por um lado é um definidor das geografias existenciais (onde e como cada um pode existir) e por outro é elemento de interiorização e naturalização da repulsa ao diferente que atinge com força destruidora as subjetividades. **Emicida**, com um grupo de artistas, gravou um clipe chamado “iminência parda” (ver *youtube*)³.

Uma família negra está comemorando o sucesso acadêmico da filha e saem para festejar. O filho também está indo bem na vida acadêmica e divide a felicidade da irmã.

No carro de luxo, pai e mãe satisfeitos. Chegam a um restaurante. Olhares de reprovação. Risadinhas nervosas e pouco amistosas de canto de boca. Expressões de desagrado. É a única mesa com pessoas negras. Uma cliente chega a verbalizar para o garçom o descontentamento e a repulsa com a presença daquela família (lê-se nos lábios dela “esse tipo de gente”). O vídeo sobrepõe cenas da família que se diverte ileisa às expressões de desagrado com cenas nas quais aparecem se prostituindo, roubando e servindo e limpando os clientes naquele mesmo estabelecimento. Um retrato fiel dos embates (nem sempre velados) dessas novas geografias existenciais emergentes.

Nós vamos passear! E não iremos, exclusivamente, no elevador de serviço. A questão é saber até quando as pesquisas e teorias no campo de saber do turismo negarão e/ou silenciarão sobre os impactos desse modelo de sociedade que, para além de concentrar renda de um modo obscuro (na pior acepção do termo), ainda desautoriza os corpos que vencem as quase intransponíveis corridas de obstáculos que levam ao afunilamento social a redefinirem as geografias existenciais e transformar a superestrutura a partir do entendimento de que as demandas de classe e identidade são indissociáveis? O passeio utópico, mas não idealista, pelos campos da organização popular exige uma teoria turística classista que não silencie sobre as diferentes formas de segregação e silenciamentos.

A práxis emancipatória turística pode começar com a presença estranha de um corpo negro que historicamente não pertence àquele lugar, mas precisa, porque práxis, passar necessariamente pela construção de mediações teóricas que permitam romper com as geografias (nada) imaginárias e com as segregações reais. ■■■

Ver:

1-<https://www.youtube.com/watch?v=j59LwZB2ihw>

2-<https://blogdaboitempo.com.br/2014/12/03/a-geografia-imaginaria-e-a-segregacao-real/>

3-<https://www.youtube.com/watch?v=FXHpmuPJ4Ks>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.